

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**Urucará (AM): Papel econômico e social na rede urbana da região do Baixo Amazonas**

**PARINTINS – AM**

**2022**

**MARCOS ROBERTO DOS SANTOS ROQUE**

**Urucará (AM): Papel econômico e social na rede urbana da região do Baixo Amazonas**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito obrigatório ao Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

**Orientador (a):** Dr. Tatiana da Rocha Barbosa

**PARINTINS – AM**

**2022**

## **AGRADECIMENTOS**

Venho por meio deste conceder meus agradecimentos a todos aqueles vêm me ajudando no decorrer da minha trajetória como acadêmico desta instituição. Agradecer primeiramente a Deus que vem trilhando minha rota, me dando a sabedoria necessária para chegar onde cheguei e me abençoando grandemente, agradecer também a Maria do Carmo dos Santos Roque e Raimundo Roque meus pais que me deram o apoio necessário, com amor, carinho, compreensão e alguns puxões de orelha, mas compreendo que foi tudo para a minha evolução, agradeço aos meus professores e colegas que desde o início foram meu pilar, me segurando para não permitir que caísse, agradeço-lhes pelos sermões, ralhos e etc., que me permitiram abrir a mente e me tornar uma nova pessoa.

Sou grato a Alexandre Tyson, Anne Maria, Rogerio de Oliveira Brito, Vicência Queiroz, Vicente de Oliveira, Luna Lago, e especialmente Francielen Alves, amigos que ajudaram durante esse tempo e conseguiram compreender minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho que por sua vez ocupou boa parte dos meus dias esses tempos e me incentivaram nos momentos difíceis. Por sua vez agradecer a minha orientadora que desempenhou sua função com muita atenção e capricho, aprendi muito me dedicando a fazer este trabalho que irá enriquecer meu aprendizado, me repassando seus conhecimentos através de artigos e livros, me fazendo persistir apesar de tudo, corrigindo erros para que eu possa ser um melhor profissional.

## RESUMO

Compreender as dinâmicas que constituem as cidades nos dias atuais é um trabalho complexo, e para que possa se obter tal resultado, é necessário que nos debruçemos sobre os processos históricos e políticos que deram origem às cidades. Portanto, o objetivo geral do presente trabalho constitui-se em analisar o papel econômico e social da cidade de Urucará na rede urbana da região do Baixo Amazonas. Para isso, se fez necessário identificar as relações econômicas e sociais de Urucará com as comunidades e cidades ao seu entorno (São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga e Parintins); destacar a partir do fluxo de pessoas, embarcações e mercadorias como ocorre a dinâmica urbana que reproduz, estrutura e configura a cidade de Urucará no Amazonas; produzir mapa evidenciando a dinâmica e o fluxo de pessoas e mercadorias existentes entre Urucará e as cidades de São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga, Parintins e Manaus. A metodologia foi adaptada dos trabalhos de Leão (2011) e Sposito (2007), direcionando para as pequenas cidades amazônicas. A pesquisa ocorreu de forma direta (pesquisa de campo, entrevistas, registros fotográficos, entre outros) e indireta (obtenção de dados do IBGE, artigos relacionados, prefeitura municipal, IDAM, entre outros). Diante disso, consideramos que o processo de urbanização de Urucará foi pautado nas atividades agrícolas, extrativismo, e atividades pesqueiras. Atualmente, a produção agropecuária e agrícola permeia como as principais atividades geradoras de ocupação e renda na cidade, o que gera um intenso fluxo de pessoas e de mercadorias existente entre Urucará e demais cidades, além de comunidades ribeirinhas, através das conexões que as vias fluviais estabelecem na região. Dessa forma, Urucará pode ser considerada como um nó importante na rede urbana do Baixo Amazonas, mesmo que não apresente especialização industrial, receitas significativas, e produção agrícola que em sua maioria atende somente o mercado local.

**Palavras-chaves:** Pequenas cidades. Dinâmicas. Rede urbana.

## ABSTRACT

Understanding the dynamics that constitute cities in the present day is a complex work, such a result can be obtained, it is necessary that we focus on the historical processes that gave rise to. Therefore, the general objective of the present work is to analyze the economic and social role of the city of Urucará in the urban network of the Lower Amazon region. For this, both communities, and became important in Urucatumã with communities and cities to theirs (São Sebastião and Paridade do Uapira, Itapira and Parintins); To highlight from the flow of people, goods and merchandise how the urban dynamics that reproduces, structures and configures Urucará in Amazonas occur; produce maps showing the dynamics and flow of people and goods between Urucará and the cities of São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga, Parintins and Manaus. The methodology was adapted from the works of Leão (2011) and Sposito (2007), targeting small Amazonian cities. The research carried out directly (field research, interviews, photographic records, among and indirectly (obtaining data from the IBGE, related articles, city hall, IDAM, among others. It was based on agricultural activities, extractivism and fishing activities. Currently, agricultural production and permeates as activities that generate occupation and income in the city, which generates an intense number of people and goods existing between Urucará and other cities. that does not have significant industrial specialization and agricultural production, which in its Lower Amazon revenue mostly serves the local market.

**Keywords:** Small cities. Dynamics. Urban network.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização e malha urbana da cidade de Urucará-AM. ....	20
Figura 2. Localização dos portos de Urucará – AM.....	25
Figura 3. Barco de Almirante Guimarães (Barco de Recreio). ....	26
Figura 4. Lancha de alumínio (expresso). ....	26
Figura 5. Rede de fluxos: embarcações mercadorias. ....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Principais atividades agropecuárias e extrativistas de Urucará-Am.....	20
Tabela 2. Tipos de embarcações que atendem Urucará.....	26
Tabela 3. Fluxo de mercadorias entre Urucará, Manaus e Parintins. ....	29
Tabela 4. Relação das mercarias que atendem os comércios Urucaraenses.....	29
Tabela 5. Relação das mercarias que atendem as Hortifrúteis Urucaraenses .....	29
Tabela 6. Inversão populacional do Município de Urucará-Am. ....	35

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. METODOLOGIA .....	10
3. OS APORTES TEÓRICOS: PEQUENAS CIDADES E PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA .....	13
4. FORMAÇÃO DE NÚCLEOS URBANOS NA AMAZÔNIA: BREVE HISTÓRIA DE URUCARÁ-AM.....	18
5. DINÂMICAS ECONÔMICAS E SOCIOESPACIAIS DE URUCARÁ-AM .....	23
5.1 Rio, Cidade e Porto: espaço de relações econômicas e sociais na rede urbana do Baixo Amazonas. ....	23
5.2 Comércios e hortifrútiis: fragilidade na produção local .....	29
5.4 Agente econômico e social da economia informal urucaraense: pescadores .....	32
5.5 Urucará-AM e seu papel na rede urbana do Baixo Amazonas .....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de urbanização na Amazônia, formação de núcleos urbanos e cidades, possuem caráter e configurações próprias, tanto por sua formação histórica, quanto por sua condição geográfica, tendo em vista que a Amazônia abriga o maior rio de água doce do mundo, o Rio Amazonas<sup>1</sup> e apresenta como principal característica física, a floresta amazônica<sup>2</sup>. De acordo com o IBGE:

O Bioma Amazônia ocupa cerca de 49% do território brasileiro. A Amazônia possui a maior floresta tropical do mundo, equivalente a 1/3 das reservas de florestas tropicais úmidas que abrigam a maior quantidade de espécies da flora e da fauna. Contém 20% da disponibilidade mundial de água e grandes reservas minerais (IBGE, 2022).

Sabe-se que durante séculos a Amazônia esteve incorporada a economia mercantil. Sendo vista pela coroa portuguesa, e demais potências internacionais somente como fontes de riqueza provinda da exploração de seus recursos naturais. Becker (2013) destaca que se comparada às outras regiões do Brasil, a colonização da Amazônia teve um processo tardio, pois a coroa portuguesa tinha mais interesse nos recursos ao invés do povoamento da região. Além da grande floresta fechada, e dos tortuosos rios, sua localização afastada do litoral dificultava ainda mais a visão do Império na sua ocupação e exploração em larga escala. Santos (2012) acrescenta:

O surgimento e a proliferação das cidades comumente estão relacionados à criação de excedentes nas áreas rurais. Na Amazônia, no entanto, muitas cidades nascem antes do campo, como base logística para a exploração dos recursos naturais por meio de grandes projetos (SANTOS, 2012, p. 111).

Mesmo que a temática presente neste trabalho, uma monografia a respeito de uma pequena cidade amazônica não seja algo inédito nos estudos geográficos, a compreensão dos fatores históricos, e a papel que a cidade de Urucará exerce na rede urbana do Baixo Amazonas constitui-se de um conhecimento teórico e metodológico de suma importância para o entendimento relativo das dinâmicas das cidades amazônicas. Schor (2016) complementa:

[...] pode-se dizer que existe uma longa tradição de estudos de cidades e de urbanização na Amazônia Brasileira (CORRÊA, 1987; GODFREY, 1988; BECKER 1990, entre outros). Boa parte deles tem se centrado em três eixos distintos. Historicamente a urbanização na Amazônia tem sido tratada na escala regional. Os estudos clássicos realizados pelo IBGE (FAISSOL, 1971; Amazonas-SEPLAN 1976/1990; CARNEIRO, 1998; IPEA/IBGE/UNICAMP/NESUR 1999; BRASIL-

---

<sup>1</sup> Rio Amazonas, localizado na região norte do Brasil, é o mais extenso rio do mundo com 6.850 km de extensão desde sua nascente a 5,6 mil metros de altitude no Peru até sua foz em terras brasileiras, próximo a divisão do Pará com o Amapá. (IBGE, 2022).

<sup>2</sup> A Floresta Amazônica é considerada a maior diversidade de reserva biológica do planeta, com indicações de que abriga, ao menos, metade de todas as espécies vivas do planeta.

IBGE, 2007) e por Bertha Becker (1982) que na década de 1980 reconhecem a Amazônia como uma floresta urbanizada são bons exemplos de como a escala regional determinou o entendimento do processo e da dinâmica de urbanização na bacia Amazônica (SCHOR *et al.* 2016, p. 10).

Embora diversos autores disponibilizem propostas teóricas e metodológicas sobre o entendimento das cidades amazônicas, cada uma apresenta particularidades específicas de sua formação histórica, de sua posição geográfica, de sua economia, e das relações que estabelecem com cidades próximas de sua região, neste sentido o presente trabalho é resultado de um projeto de iniciação científica (PAIC) com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Intitulado de *Urucará (AM): Papel econômico e social na rede urbana da região do Baixo Amazonas*, o texto aqui apresentado é produto de uma pesquisa realizada em 2 anos, tendo início em 2020, e tem por finalidade contribuir para o entendimento relativo das dinâmicas socioespaciais presentes na cidade de Urucará, suas funções para comunidades rurais e cidades de seu entorno, justificando-se deste modo como suporte teórico para se compreender a dinâmica de uma pequena cidade amazônica, através de seus portos, rios e pelo papel de centralidade que a mesma exerce em seu entorno.

Metodologicamente organizamos este artigo em três capítulos. No primeiro, analisamos aportes teóricos a respeito da definição de cidades e pequenas cidades de forma geral, abrangendo critérios demográficos, e definições de geógrafos estrangeiros como a Geografa Francesa Jacqueline Beaujeu-Garnier. Posteriormente, no segundo capítulo abordamos sobre formação de núcleos urbanos na Amazônia, especialmente sobre pequenas cidades da região e seus aspectos. Apresentando contextos históricos da ocupação regional, para caracterizar a natureza singular da urbanização e produção de cidades e pequenas cidades na Amazônia, além disso, caracterizamos a área de estudo, descrevendo sua localização e breve histórico.

No terceiro tópico por meio dos rios, portos, circulação de embarcações, mercadorias e pessoas, buscamos compreender como Urucará se situa na rede urbana do Baixo Amazonas, representando essas relações através de mapas, e tabelas presentes no texto. Também discutimos sobre o papel de centralidade que a sede municipal de Urucará exerce para suas comunidades ribeirinhas, sua produção agrícola e a incorporação da figura do pescador como agente importante para economia urucaraense.

## 2. METODOLOGIA

Compreender as dinâmicas que constituem as cidades nos dias atuais é um trabalho complexo, e para que possa se obter tal resultado, é necessário que nos debruçemos sobre os processos históricos e políticos que deram origem as cidades. Assim como aponta Carlos (2020, p. 57.), “[...] a cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos”. A cidade não surge do nada, ou por mero acaso, mas sua origem está diretamente ligada a determinados acontecimentos políticos, econômicos ou sociais.

A cidade, em cada uma das diferentes etapas do processo histórico, assume formas, características e funções distintas. Ela seria assim, em cada época, o produto da divisão, do tipo e dos objetos de trabalho, bem como do poder nela centralizado. Por outro lado, é necessário considerar que a cidade só pode ser pensada na sua articulação com a sociedade global, levando-se em conta a organização política, e a estrutura do poder da sociedade, a natureza e repartição das atividades econômicas, as classes sociais (CARLOS, 2020, p. 57).

Pensar nos processos de formação das cidades e núcleos urbanos é pensar na formação da sociedade em si, pois a produção do espaço está diretamente relacionada às necessidades de grupos humanos em dominar determinados territórios e adaptá-los para usos mais diversos, seja para fins de ocupação, exploração ou produção. Sendo assim, Carlos (2020), afirma que a cidade tem sua origem na necessidade de grupos humanos de se organizarem no espaço, porém, com uma estrutura não atemporal, que sofre mudanças físicas, políticas e sociais com o passar do tempo e com as mudanças presentes na sociedade.

Em concordância com Leão (2011, p. 18) para se estabelecer uma metodologia que permita o estudo de pequenas cidades, primeiramente precisamos estabelecer recortes e variáveis que se adequem aos objetivos da pesquisa, em nosso caso o objetivo geral do presente trabalho constitui-se de: analisar o papel econômico e social da cidade de Urucará na rede urbana da região do Baixo Amazonas. Já nossos objetivos foram:

- Identificar as relações econômicas e sociais de Urucará com as comunidades e cidades ao seu entorno (São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga e Parintins);
- Destacar a partir do fluxo de pessoas, embarcações e mercadorias como ocorre a dinâmica urbana que reproduz, estrutura e configura a cidade de Urucará no Amazonas;
- Produzir mapa evidenciando a dinâmica e o fluxo de pessoas e mercadorias existentes entre Urucará e as cidades de São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga, Parintins e Manaus.

Para suprir as necessidades de tais objetivos, e compreender o real papel da cidade de Urucará na rede urbana do Baixo Amazonas, elaboramos nossa metodologia conforme os trabalhos de Leão (2011) e Sposito (2007), adaptando-as as especificidades das pequenas cidades amazônicas, sendo elas:

- Região de influência das cidades e hierarquia urbana;
- Serviços de saúde especializados;
- Rede bancária e financeira;
- Evolução da população;
- Circulação de pessoas entre as cidades para acesso a bens e serviços, especialmente para aqueles que se deslocam para estudo e trabalho;
- Produção no campo.

Além disso, incorporamos o Materialismo histórico e dialético desenvolvida por Marx entre os anos de 1845 e 1857 (ALVES, 2010). Segundo este autor as estratégias de produção e reprodução da vida material, estão diretamente ligadas com a vida social, política e espiritual (ALVES, 2010, p. 3), nesta perspectiva o materialismo histórico e dialético constitui-se de um “método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas”. Ainda para este autor, podemos destacar 6 concepções centrais que norteiam o materialismo histórico e dialético de Marx, sendo elas:

1) a negação da autonomia e, portanto, do primado das ideias na vida social; 2) o compromisso metodológico com a pesquisa historiográfica concreta, em oposição à reflexão filosófica abstrata; 3) a concepção da centralidade da práxis humana na produção e a reprodução da vida social, em consequência disso; 4) a ênfase na significação do trabalho enquanto transformação da natureza e mediação das relações sociais, na história humana; 5) a ênfase na significação da natureza para o homem, que evolui de uma concepção presente nas obras iniciais de Marx que concebe o homem como essencialmente unido à natureza para uma concepção de homem essencialmente oposto à natureza, e dominando-a; 6) a preferência pelo simples realismo cotidiano e o compromisso, que se desenvolve gradativamente, com o realismo científico, através do qual Marx vê a relação homem-natureza como internamente assimétrica, em que o homem é essencialmente dependente da natureza enquanto está, no essencial, independente do homem (BOTTOMORE, 1988, p.254) (ALVES, 2010, p. 3).

Concluídas as nossas conceituações teóricas, partimos para o passo a passo para elaboração do presente trabalho:

No primeiro momento foi necessária a exploração de leituras concernente a produção do espaço urbano, com nas produções de Henry Lefebvre, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Ana Fani Alessandri Carlos, José Aldemir de Oliveira, Roberto Lobato Corrêa, Saint- Clair Cordeiro da Trindade Júnior e Mark Gottidiener.

Posteriormente levantamos dados oficiais disponibilizados pelo IBGE, IDAM, Prefeitura Municipal de Urucará a respeito da formação histórica, suas características econômicas e sociais.

Foram verificadas as relações diretas e indiretas da cidade com os municípios ao seu entorno (São Sebastião do Uatumã, Itacoatiara, Itapiranga, Parintins e Manaus) através do fluxo de embarcações analisando a forma como as cidades se interligam (pessoas/mercadorias), identificando os portos da cidade e suas funcionalidades.

Realizaram-se visitas aos principais comércios de Urucará (mercadinhos, supermercados e hortifrutis), bem como dialogo e aplicação de formulário com os proprietários para identificar a procedência principal das mercadorias e a frequência com que esses comércios recebem mercadorias.

Estabelecemos análises mediante os dados coletados em campo relacionando-os com os dados brutos da situação econômica e social do estado do Amazonas disponibilizados pelo IBGE.

Realizamos a produção de mapas destacando a localização, malha urbana e dinâmica que Urucará produz na rede urbana do Amazonas.

Concluídas as pesquisas diretas (pesquisa de campo, entrevistas, registros fotográficos, entre outros) e indiretas (Obtenção de dados do IBGE, artigos relacionados, Prefeitura municipal, IDAM, entre outros) foi possível identificar elementos que constituem a cidade de Urucará, tais como sua formação histórica, sua produção agrícola, o fluxo e circulação de pessoas e mercadorias entre cidades vizinhas e comunidades de seu entorno, elementos estes que segundo Leão (2011) “interferem diretamente nos papeis e nas funções das cidades”.

### 3. OS APORTES TEÓRICOS: PEQUENAS CIDADES E PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

Iniciaremos este capítulo destacando o que geógrafos contemporâneos entendem como *Pequenas Cidades*. Por mais simples que pareça esta definição, a mesma pode ser facilmente confundida, ou vista de forma que não abarque suas reais características, e funções na rede<sup>3</sup> urbana.

Mas afinal, o que é uma *Pequena cidade*?

Para responder essa pergunta, primeiro devemos buscar entender o que é Cidade, Freitas (2013, p 15) nos orienta que, esta tarefa é complexa, situada num nível de abstração teórico que causa controvérsias, e que todo esforço, por mais metodológico que seja para alcançar uma generalização pode conduzir a equívocos, já Sposito (2008) ressalta:

Tentar explicar o que é cidade, no mundo contemporâneo, é tarefa que exige a consideração de vários elementos que se relacionam historicamente em diferentes parcelas dos territórios, com intensidades e dinâmicas específicas em cada caso (SPOSITO, 2008, p. 12).

Para definir o que é uma cidade, cada país adota alguns critérios específicos de sua realidade para dar a definição de cidade, deste modo, não havendo um consenso. A exemplo temos Portugal, Sposito (2008, p.16-17) certifica que neste país, um núcleo urbano para ser considerado como cidade deve possuir contingente populacional mínimo de oito mil pessoas, incluindo ao menos 50% dos seguintes equipamentos: a) Hospital de permanência; b) farmácias; c) corporação de bombeiros; d) casa de espetáculos e centro cultural; e) museu e biblioteca; f) instalações de hotelaria; g) estabelecimento de ensino preparatório e secundário; h) estabelecimento de ensino pré-primário e creches; i) transportes públicos, urbanos e suburbanos; e por fim, j) parques e jardins públicos.

Já Santos (1989) informa que as estatísticas médias internacionais estabelecem um marco mínimo de 20 mil habitantes, entretanto esses números podem variar de país para país. No caso do Brasil, de acordo com a Constituição Federal de 1988, a definição oficial de cidade possui caráter político-administrativo, onde todas as sedes municipais podem ser consideradas cidades. Medeiros (2005) *apud* Wanderley (2001, p. 3) expõe a ideia de que aglomerados humanos, com menos de 20.000 habitantes não podem ser classificadas como cidades, nem mesmo consideradas como urbanas.

---

<sup>3</sup> Sposito (2008, p. 47-48) *apud* Delapierre (1995, p. 15-26) assegura que as redes se generalizam, assegurando a circulação e difusão da informação, permitindo a coordenação das atividades e a transmissão rápida de instruções e resultados.

Entretanto, se levarmos em conta somente critérios demográficos muitas cidades Brasileiras não poderiam se quer ser considerada como tal. Nesta perspectiva, nosso objeto de estudo, a cidade de Urucará (AM) não poderia ser classificada como cidade, deste modo mudando totalmente nossa pesquisa, dito que a mesma possui 16.007 habitantes, segundo dados estimativos do IBGE (2021).

Leão (2010, p. 137) defende que o tamanho demográfico apenas se aproxima do que realmente seja uma cidade de acordo com o contexto em que está inserida, mas em um país gigantesco como o Brasil, que possui realidades populacionais bastante diversificadas de acordo com a região, o critério demográfico não seria o mais adequado. Em concordância Brandão (2019, p.73) *apud* Santos (2005, p. 86) acrescenta que, ao estabelecer um limite demográfico mínimo para se caracterizar uma cidade, como ocorre em diversos países, inclusive na União Europeia, os estudiosos comentem o equívoco de formar uma generalização incorreta. Brandão (2019) ainda acrescenta:

(...) há que se considerar que o critério demográfico também não daria conta de abarcar uma realidade de cidades tão diversas, como a encontrada no caso brasileiro, em que um espaço urbano com 2.000 habitantes, na Região Norte, por exemplo, pode ter “centralidade econômica” e algumas “características econômico-espaciais”, não verificadas em outras regiões do mesmo país (BRANDÃO, 2019, p. 73-74).

Sposito (2008) embasada na definição da Geografa Francesa Jacqueline Beaujeu-Garnier, assegura que o geógrafo, enquanto pesquisador do fenômeno urbano, deve entender a cidade como “multiforme por sua situação, tamanho, arquitetura, organização interna, papel na vida regional ou nacional”. Buscando assim realizar o estudo das cidades de diversas maneiras:

Por corresponder a um modo particular de ocupação do solo; por reunir num espaço mais ou menos vasto, mas, no entanto, muito denso, grupos de indivíduos que vivem e produzem; a cidade pode ser dinâmica e prospera ou degradada e quase moribunda, é o nó de fluxos sucessivamente centrípetos ou centrífugos, de toda a natureza (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 16).

As cidades, nesta perspectiva assume um papel fundamental na organização do espaço geográfico, Souza (2003, p. 30) aponta que uma cidade, para ser considerada como tal, deve exercer uma “certa centralidade econômica”, bem como características, econômico-espaciais que a diferenciem de um simples núcleo humano formado por lavradores, habitando em um meio rural. Além da dimensão econômica, podemos entender a cidade como:

Um local onde as pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobichados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar (SOUZA, 2008, p. 28).

Conforme aponta Carlos (2020), a cidade é uma produção humana que envolve fatores geográficos e históricos, materializando-se no espaço, a autora ainda destaca que a cidade se apresenta como materialidade dos processos de trabalho, da divisão técnica e social, deste modo materializando também as ideologias humanas: a cidade é a materialização do pensar, do sentir, do consumir.

Feita essa aproximação conceitual do termo cidade, podemos agora buscar compreender o que são as *Pequenas Cidades*.

De acordo com Leão (2010, p. 137) definir o que é uma pequena cidade torna-se algo ainda mais complexo do que definir o que é cidade, uma vez que, a pequena cidade encontra-se num limiar entre o que é rural e urbano, citando Santos (1965) a autora destaca que:

(...) não é fácil estabelecer um limite além do qual a transição já se deu, indiscutivelmente. Essa dificuldade é tanto maior quanto sabemos como são diferentes os processos de formação de uma hierarquia, nas diferentes economias e civilizações; transpor essa dificuldade para uma definição de caráter geral é tarefa onerosa (SANTOS, 1965, p. 135).

Buscando fazer uma distinção entre cidade e aldeia, Sposito (2008, p.19) cita Benevolo (1983, p.23) assegurando que a cidade se diferencia da aldeia e do meio rural pela velocidade em que sofre transformações em suas estruturas físicas e sociais. Para o autor a cidade:

(...) tem sua própria dimensão do tempo, que é diferente da aldeia, definido pelas atividades do campo. A cidade é o lugar do poder, e seu “nascimento” é justificado pela existência de um excedente agrícola (SPOSITO, 2008, p.19).

Santos (1981, p. 15) afirma que, a cidade só se define como unidade geográfica quando apresenta certo estágio de desenvolvimento e dinamismo, podendo ser considerada como urbana ou não, de acordo com sua função no cenário regional que a mesma se insere, para o autor uma *cidade pequena* deve atender as necessidades locais, e de seu entorno (comunidades, vilas, agrovilas, entre outros), oferecendo-lhes à prestação de serviços públicos, comércio, informação, transporte, saúde e lazer.

Na tentativa de criar uma definição para se definir o que é uma *pequena cidade*, Santos (1979) formulou a expressão *cidade local*, que segundo o mesmo pode ser entendida como:

(...) é aquela que se coloca no limite inferior da complexidade das atividades urbanas e que detém um crescimento auto-sustentado e um domínio territorial. Portanto é uma cidade de dimensão mínima, que já não depende das necessidades da atividade primária para a sua existência, mas sim, que serve/polariza os seus arredores através, principalmente, das necessidades regulares de consumo (SANTOS, 1979, p. 69).

O autor ainda acrescenta, as cidades locais se constituem como centro de atendimento de necessidades mínimas, tanto reais, quanto criadas, muitas vezes impostas de fora da comunidade. Olanda (2008) acrescenta:

O que constitui as necessidades mínimas tem variado muito e de acordo com a intensidade da expansão da sociedade de consumo, cada vez mais são criadas e recriadas necessidades, portanto, estas variam de acordo com o espaço e com o tempo. Em resumo, na sociedade de consumo, as necessidades mínimas são continuamente alteradas. (OLANDA, 2008, p. 188).

Em termos de diferenciação, cidades pequenas, médias e grandes são bastante distintas demograficamente, economicamente, e arquitetonicamente, porém uma das características mais sobressalente acentua-se em sua dinâmica. Marcada por um tempo lento, a pequena cidade se contrapõe a dinamicidade e ao tempo acelerado presente nas metrópoles, onde o ritmo da cidade modifica a vida das pessoas de tal modo que se quase não se tem identificação de pessoas com o lugar, e até mesmo com outras pessoas. Em contra partida, nas pequenas cidades a realidade tende a ser outra, Medeiros (2005) assinala:

Nestas pequenas cidades, é no relacionamento entre pessoas, calcado na solidariedade, nos vínculos de parentesco e amizade, na permanência das manifestações culturais, dentre as quais se destacam os artesanatos, festas religiosas e festas populares (vaquejadas, festas juninas), que constatamos a forte relação de identidade que os moradores que ai se encontram estabelecem com o lugar em que vivem. São ações que se realizam no cotidiano e que impregnados de subjetividades expressam a tradição que marca cada lugar e, dessa forma, suas particularidades. (MEDEIROS, 2005).

Em concordância Brandão (2019, p. 81) citando Bacelar (2008) acrescenta:

A pequena cidade “esconde” dos desavisados uma interessante rede de relações territoriais de aparente monotonia e quietude. Não o bastante, são manifestações diferentes das grandes e médias cidades que muitas vezes passam por situações desestimulantes aos cientistas-produto de um mundo cosmopolita e metropolizado (BARCELAR, 2008, p. 81).

Mesmo está sendo uma das principais características das pequenas cidades, Freitas (2013, p. 19) nos alerta que não devemos ingênuos a ponto de pensar que isto é invariável, uma vez que as relações econômicas e sociais se alteram de acordo com o tempo e o espaço, modificando substancialmente a cidade, sua arquitetura, suas funções e principalmente as relações interpessoais.

Brandão (2019, p. 76) *apud* Corrêa (1999) assinala que todos os centros urbanos, mesmo os de dimensões populacionais e territoriais mínimas sofreram impactos com o processo de globalização, isto é, com as interconexões de ideias, com o fluxo de capitais e mercadorias, com ideologias políticas nacionais e internacionais, entre outros, o que por conseguinte gerou impactos diretos ou indiretos nas pequenas cidades, que participam desse

processo através do consumo e da, exportação de bens e serviços de grandes corporações multinacionais. Para Medeiros (2005):

As pequenas cidades, inseridas numa sociedade capitalista de consumo, também passam a aspirar os atuais símbolos da vida moderna, encontrados até então nas grandes cidades. Porém, essas mudanças ocorrem de maneira menos acentuada, de forma que determinados valores e manifestações culturais permanecem, em um processo onde o novo e o velho se complementam e passa a representar a referência de cada habitante em relação à cidade (MEDEIROS, 2005).

Destacamos que as pequenas cidades amazônicas atualmente presenciam uma dualidade. Se por um lado elas mantem fortes ligações com suas tradições locais, calcadas nas relações interpessoais, e de parentesco, de outro essas mesmas relações vem se modificando paulatinamente, bem como sua estrutura física, fenômeno este causado pela dinamicidade contemporânea que as pequenas cidades estão inseridas. Carlos (2020) assinala:

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os espaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; arvores são destruídas, praças transformadas em concreto (CARLOS, 2020, p. 19).

Deste modo, concluímos este capítulo ressaltando que o presente trabalho tem como finalidade compreender a dinamicidade presente na cidade de Urucará, suas relações sócio espaciais, a centralidade que exerce em sua hinterlândia e o papel econômico que desempenha na rede urbana da região do Baixo Amazonas. Para isso, devemos fazer um resgate histórico, revendo a gênese da formação da cidade, embasada na formação de núcleos urbanos na Amazônia, nas políticas governamentais e nas relações contemporâneas que a cidade de Urucará detém com as cidades vizinhas.

#### **4. FORMAÇÃO DE NÚCLEOS URBANOS NA AMAZÔNIA: BREVE HISTÓRIA DE URUCARÁ-AM**

O Fenômeno Urbano na Amazônia é singular, retratado por diversos autores da geografia urbana como Corrêa (1987); Becker (1990); Trindade Jr (2011), entre outros. No cenário do povoamento e urbanização da Amazônia a relevância histórica dos rios, baías e igarapés é incontestável, já que foi – e ainda é – por meio deles que se desenvolveu a circulação e o comércio de mercadorias extraídas, produzidas e consumidas na região (NUNES, 2012).

Ab'Saber (2003) considera que a Amazônia se diferencia de outras regiões do Brasil pela sua vasta continuidade de florestas, e pela grandeza de sua rede hidrográfica. Deste modo, entender as relações cidade-rio constitui-se em uma indispensável investigação para se interpretar como se manifesta o fenômeno urbano na região (LIMA, 2010).

Em linhas gerais, a Amazônia é vista nacionalmente e internacionalmente como um espaço vazio. Trindade Júnior (2015) em seu artigo destaca que por séculos revigorou a ideia de que a Amazônia é uma região de ocupação humana descontínua, de população rarefeita. De fato, o Estado do Amazonas, é o maior do país em extensão territorial, possuindo cerca de 1.559.161,682 quilômetros quadrados, entretanto dadas as suas dimensões detém um dos mais baixos índices de densidade demográfica do território nacional, aproximadamente 2,23 habitantes por quilometro quadrado (IBGE, 2010).

Sposito (2008) ressalta que, para compreender os processos que dão origem da cidade de hoje, é necessário voltar ao berço de sua formação, e reconstruir sua trajetória. Nesta perspectiva, utilizamos bases históricas retratadas em livros, e artigos para buscar compreender e explicitar como se deu o processo de urbanização na vasta região amazônica.

Em primeiro lugar, devemos compreender que a ideia de Amazônia como natureza intocada pelo homem é falsa. Segundo Neves (2006, p. 22), há cerca de pelo menos 11.000 anos a Amazônia é ocupada por populações indígenas, que tinham sua economia baseada na caça, pesca e coleta e frutas, o autor ainda acrescenta que por volta dos séculos XVI e XVII no início da colonização europeia, na região era comum o relato de grandes aldeias indígenas, algumas com milhares de pessoas.

Entretanto, com o início do processo de colonização na região, tais populações perderam um grande número de indivíduos, e a posse dos seus territórios. Como principais motivos podemos citar, a transmissão de doenças, as guerras entre tribos, os conflitos com os europeus e a escravidão. De acordo com Souza (2019), no final do século XVI, ingleses,

franceses, irlandeses, holandeses e alemães iniciaram uma série de expedições na Amazônia motivadas pela busca de riquezas, especiarias e conquista do território, de modo que “[...] por volta de 1620, várias povoações de europeus podiam ser encontradas na Amazônia oriental, tais como a dos irlandeses na ilha dos Porcos, a dos ingleses nos rios Jari e Peru, os franceses no Maranhão e os holandeses nos rios Gurupá e Xingu” (SOUZA, 2019, p. 95).

Essas disputas territoriais forçaram a Coroa portuguesa a agir de maneira que protegesse o território amazônico e garantisse a futura exploração da região. Para tal objetivo durante o século XVIII e XIX estabeleceu-se uma nova política de colonização idealizada pelo Marquês de Pombal, que tinha por objetivo “[...] reforçar seus laços comerciais com Lisboa, estimulando a agricultura exercendo maior controle sobre as atividades econômicas [...]” (Serrão, 2018, p.94 Apud Araújo, 1998). Durante esse período pôde-se notar a intensificação da urbanização na Amazônia, visto que as reformas pombalinas promoveram a miscigenação com tribos indígenas, à intensificação do comércio, e a criação de vilas povoadas por intermédio da fundação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778).

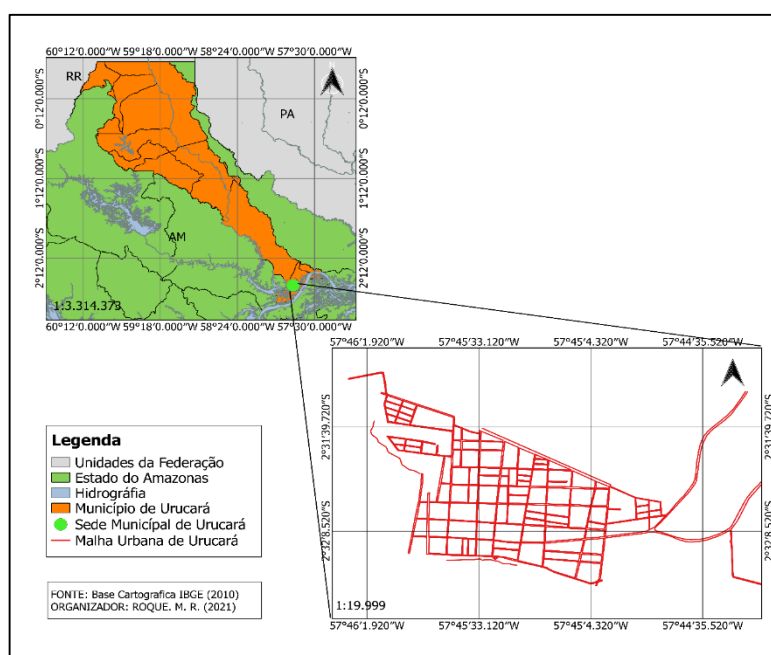
É nesse contexto que se tem a origem a cidade de Urucará, na qual historiadores e pesquisadores locais atribuem sua fundação a chegada de colonos oriundos do Grão-Pará no início do século XIX. Sendo conhecida primeiramente como povoação de Santana da Capela, fundada em 1814 por Crispim Lobo de Macedo, sua família e escravos. Marques (2021) assinala que suas origens não são vazias, ou que surgiram ao acaso, pelo contrário, foi pensada estrategicamente para resguardar os domínios da Coroa portuguesa nos rios Uatumã e Jatapu, durante o período das reformas pombalinas.

Elevado à categoria de vila, com a denominação de Senhora Santana de Urucará pela Lei Provincial n.º 744, de 12-05-1887, desmembrada do município de Silves. Pela Lei n.º 33, de 04-11-1892, o município de Senhora Santana de Urucará passou a chamar-se simplesmente Urucará. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede. Elevado à condição de cidade com a denominação de Urucará, pelo Decreto-lei Estadual n.º 68, de 31-03-1938 (IBGE, 2010).

O município de Urucará está localizado no Estado do Amazonas, situada na 9ª sub-região (região do Baixo Amazonas) e distante 270 km da capital Manaus (IDAM 2012). Urucará possui cerca de 17.094 habitantes com densidade demográfica de 0,61 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2010), desta forma constituindo em um dos 10 menores municípios em população do Estado. Em contraste, Urucará possui área territorial de 27.904 km<sup>2</sup> sendo um dos maiores municípios em extensão territorial do Estado, fazendo limite com os municípios de São

Sebastião do Uatumã e Presidente Figueiredo, divisa ao norte com o Estado de Roraima, limitando-se ao Leste com Nhamundá, Urucurituba ao Sul e a Sudoeste com Itapiranga, Itacoatiara e Silves. Sua sede municipal (Figura 1) localiza-se à jusante da confluência dos rios Uatumã e Maripá (Marques. 2021), sua principal forma de acesso se dá por via fluvial, sendo este o Paraná de Urucará.

Figura 1. Localiza e malha urbana da cidade de Urucará-AM



Fonte: Elabora própria. Base Cartográfica: IBGE (2017)

Urucará, assim como outras cidades do Amazonas, teve seu processo de forma ligada diretamente a atividades agrícolas, ao extrativismo e atividades pesqueiras. Historicamente as bases econômicas do munic estão relacionadas  produção agropecuária e agrícola, sendo a produção de mandioca, guaran, açai, pesca artesanal, bovinocultura/bubalinocultura as principais atividades geradoras de ocupação e renda (Tabela 1).

Tabela 1. Principais atividades agropecuárias e extrativistas de Urucr-Am

Atividades	N de Pessoas	rea (ha) N Animais	Produção Obtida	Valor unitário (R\$)	Valor bruto da produção (R\$)
<b>Mandioca</b>	845	1.350	4.050 t de farinha	3.200,00	12.960.000,00
<b>Guaran</b>	310	480	120 t	20.000,00	2.400.000,00
<b>Açai</b>	66	80	1.440	414,00	600.480,00

<b>Pesca artesanal</b>	2.200	-	7.920 t de pescado	1.900,00	15.048.000,00
<b>Bovinocultura/ Bubalinocultura</b>	292	29.308	697 t carne	4.000,00	2.788.000,00
<b>Total</b>	3.813	-	-	-	33.796.480,00

Fonte: IDAM/DEPLA (2012)

Tais fatos fizeram com que as primeiras ocupações no território urucaraense fossem em áreas de várzea, em prol da terra fértil, fartura de peixes e produtos oriundos do extrativismo nas proximidades, e, sobretudo pelas formas de se relacionar com o mercado. Já no início do século XX, as áreas de várzea ocupadas por populações camponesas produziam principalmente cacau, conciliando com outras atividades extrativistas, em prol disso:

[...] boa parte das várzeas que compreendiam territorialmente as localidades do paraná do Albano, paraná do Comprido, Jurupari, Santa Cruz, Augusto Montenegro, entre outras, era possível vislumbrar grandes plantaoes de cacau, região que há décadas mantinha tradio nesse cultivo, fato que com o tempo, transformar os municípios de Urucurituba e Urucará, em grandes produtores de cacau do Estado do Amazonas (SERRÃO, 2018, p. 36).

Entretanto, com as grandes cheias/enchentes que atingiram a região no período de 1953 a 1973, boa parte da populao ribeirinha se viu obrigada a migrar para áreas de terra firme, e com isso, grandes sítios agrícolas e plantaoes foram perdidas nesse curto espaço de tempo. De forma, na tentativa de se manter nas áreas de várzea, muitas famílias camponesas viram na juta<sup>4</sup> uma saída para continuarem naquela localidade e obterem sua renda familiar.

Em um cenário mais amplo, no decorrer do século XIX, o Amazonas dispunha de atividades agrícolas em expansão, podemos dar destaque às drogas do sertão, bem como a produo camponesa regional, sendo elas a mandioca, batata, guaran, cacau, entre outros. Já na década de 60, Tenório (2016) aponta que a cidade de Urucará vivera uma nova fase de desenvolvimento demográfico estimulada pela política do governo militar: o Plano de Integrao Nacional, que tinha o objetivo de ocupar definitivamente a Amazônia, com a expansão da agropecuária, formao de novos núcleos urbanos, incentivos fiscais, créditos para atrair empresas, incitao para que houvesse migrao, em funo de formar nova mão de obra. O marco histórico desse acontecimento foi  criao da Zona Franca de Manaus (BECKER, 2013).

Como consequência dos incentivos as políticas agrárias, voltadas principalmente para a pecuária, a partir da década de 80, a produo local de juta apresentou sinais de declínio.

<sup>4</sup> De acordo com (Homma, 2014), a juta uma espécie nativa da Ásia, foi introduzida e adaptada pelos japoneses desde a década de 1930 nas várzeas do município de Parintins, ocorrendo na sequência a sua dispersão.

Cabe aqui ainda destacar que, após esse enfraquecimento das atividades agrícolas a igreja católica começou a exercer um novo papel na cidade de Urucará, atuando de forma a organizar os camponeses e ribeirinhos historicamente ignorados, dando assim origem a associações, surgimento de CEBs<sup>5</sup>, colônias agrícolas e do Centro de Treinamento Rural de Urucará (CETRU). Tal fundação teve marco importante para a história da cidade, tanto política quanto econômica e social.

Quanto ao padrão geral da urbanização na Amazônia, até meados de 1960, a organização espacial consistia-se no molde de cidades ribeirinhas<sup>6</sup> dendríticas, conforme apontam Nunes e Trindade Júnior (2012) *apud* Corrêa (1987). Já a geógrafa Bertha K. Becker no livro *A Fronteira amazônica* (1990) descreve que a urbanização nessa região se deu de forma diferenciada, por razões históricas e principalmente pela expansão capitalista a partir da década de 1960.

Podemos definir esses processos caracterizando em tipologias, sendo estas: a) *urbanização espontânea*: resultante da ação e incentivo, principalmente do Estado, para à apropriação de terras por empresa; b) *urbanização dirigida pela colonização privada*: direcionadas por companhias colonizadoras privadas; c) *urbanização dirigida pela colonização oficial*: baseada no modelo de urbanismo rural do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); d) *Urbanização dos grandes projetos*: Propagada por grandes projetos econômicos públicos ou privados; e) *urbanização tradicional*: alusiva a cidades com poucas mudanças em suas configurações ligadas ao padrão tradicional, à beira-rio, e com baixíssima reprodução das grandes frentes capitalistas.

---

<sup>5</sup> Comunidades eclesiais de base

<sup>6</sup> De acordo com Trindade Júnior (2012) cidades ribeirinhas são aquelas que além de estarem localizadas próximas aos rios, apresentam fortes relações materiais e simbólicas com os rios, incorporando fortemente a dinâmica da natureza e a uma temporalidade cadenciada, que são traduzidas no seu modo de vida e nas suas inter-relações.

## 5. DINÂMICAS ECONÔMICAS E SOCIOESPACIAIS DE URUCARÁ-AM

### 5.1 Rio, Cidade e Porto: espaço de relações econômicas e sociais na rede urbana do Baixo Amazonas.

Compreender o fenômeno urbano e principalmente as dinâmicas que regem as cidades da Amazônia não é tarefa fácil. Brandão (2019) assinala que, há poucas informações sobre pequenos núcleos urbanos, e na maioria dos casos, tais informações são estudos realizados por historiadores locais, e informais, na tentativa de preservar a história dos seus municípios, e por fim, mesmo acadêmicos, professores e pesquisadores possuem dificuldades de encontrar dados oficiais sobre as pequenas cidades, inclusive nas prefeituras e secretarias públicas, o que dificulta a compreensão real dos papéis que estas cidades desempenham na rede urbana, de suas dinâmicas intraurbanas, e dos aspectos socioculturais presentes nesses pequenos aglomerados urbanos.

Um fato que difere a maioria das cidades amazônicas de outras regiões do país encontra-se na sua íntima relação com os rios e a floresta, o geógrafo alemão Martin Coy salienta que, desde a formação das primeiras cidades, a relação rio-cidade manifesta-se como aspecto primordial para o desenvolvimento urbano. O autor ainda acrescenta:

A disponibilidade de água constituía sempre um dos principais fatores para o estabelecimento definitivo e a localização específica de povoados humanos. Neste sentido, os rios não forneceram somente a água como recurso escasso para a população ou para a agricultura irrigada, mas serviram também como os principais meios de comunicação, como vias de transporte para as mercadorias etc. (MARTIN COY. 2013).

Em uma breve contextualização teórica do conceito de espaço, Nunes (2012) *apud* Lefebvre (2008) assinala que o espaço é dinâmico, além de ser produto social, tornando-se instrumento e intermediário das práticas sociais cotidianas. Como já mencionado, nas pequenas cidades amazônicas o espaço dos rios, do porto e da cidade estão intimamente interligados:

Chega-se às pequenas cidades amazônicas pelo rio quando o barco que navegamos se aproxima. Se for dia, antes víamos a torre da igreja e hoje a torre da telefonia, como sinal de modernização; se for noite, é o clarão da cidade a que se chega vagarosamente, sem pressa, com tempo para os aconteceres e para a concretização do ser. Chega-se ao porto, quase sempre improvisado, em que tudo parece temporário e inacabado (OLIVEIRA, 2004).

De forma poética o geógrafo José Aldemir de Oliveira nos assinala dessa íntima relação presente nas cidades ribeirinhas<sup>7</sup> amazônicas, em concordância Trindade Júnior

---

<sup>7</sup> Padrões de ocupação em cidades da Amazônia, circunjacente a áreas de várzeas ao longo dos grandes rios e na terra firme, próximos aos inúmeros igarapés e cursos d'água.

(2011) descreve que nelas<sup>8</sup> há fortes ligações socioeconômicas e culturais de escala local e regional enraizadas no elo do porto com as cidades e rios:

Enraizamentos estes que traduzem estreita relação com o rio, não simplesmente pela localização absoluta, o fato de estarem à beira rio, mas e, principalmente, por apresentarem uma inteiração funcional (a exemplo da circulação fluvial e uso para atividades domésticas, de subsistência material (fonte de recursos alimentares), lúdica (uso do rio para o lazer) e simbólica (imaginário sociocultural). (TRINDADE JÚNIOR, 2011).

Nessa perspectiva, a cidade de Urucará não foge à regra, tendo como sua principal via de acesso os cursos fluviais. Em síntese, são pelos rios, pelos igarapés, e pelos portos que a cidade de Urucará se conecta com suas comunidades ribeirinhas e com as cidades de seu entorno. Em concordância, salientamos a ideia de Martin Coy (2013), assinalando que:

A análise das transformações da relação rio-cidade no decorrer dos tempos mostra que o rio – e conseqüentemente as margens do rio – forneceu em muitas cidades trabalho para os habitantes: nos portos e na sua administração, no setor de transporte, nos armazéns, nas usinas, nos frigoríficos e abatedouros que, em muitas cidades, se localizaram na beira dos rios, etc. (MARTIN COY, 2013).

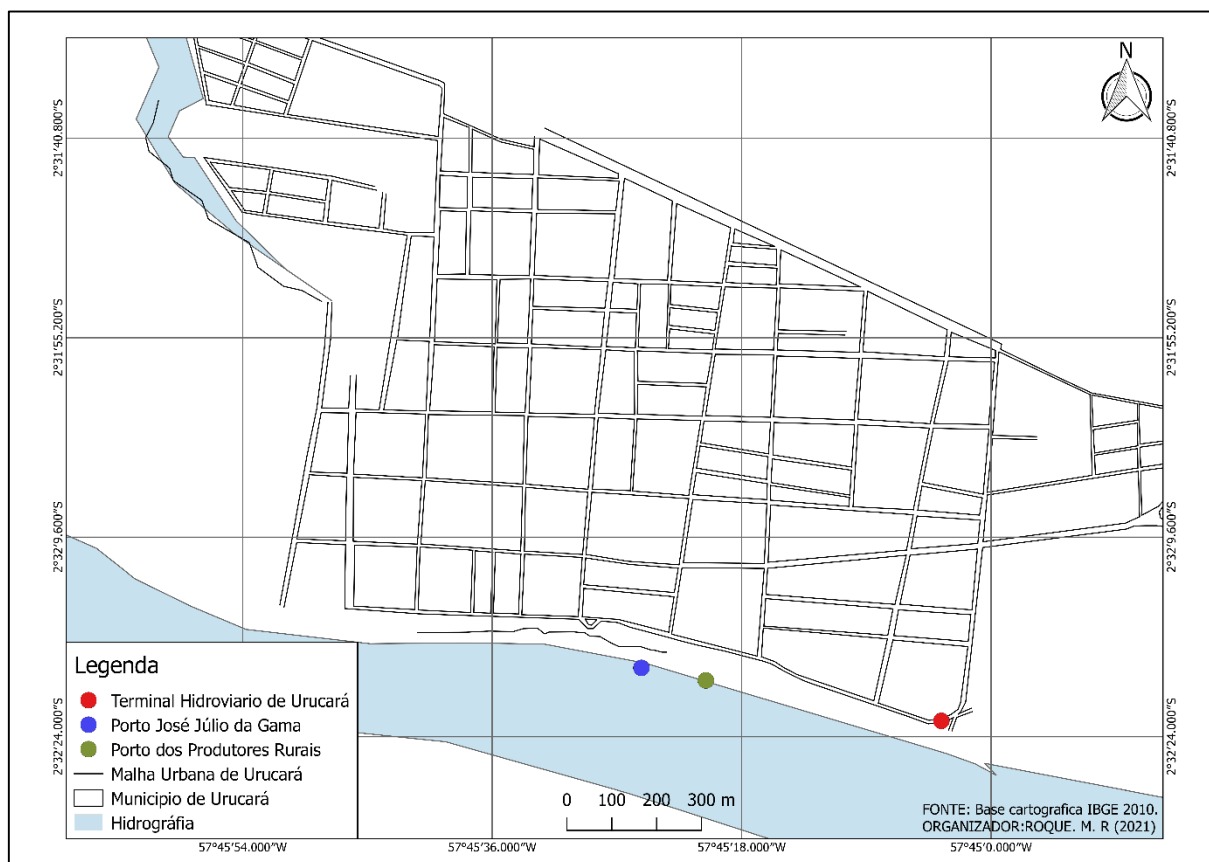
Por meio de aplicação de formulários, entrevistas e trabalho de campo foi possível sistematizar os fluxos de embarcações entre cidades, identificar as principais mercadorias por elas transportadas e diferenciar suas funcionalidades. Ao todo se constatou a existência de três portos locais como observa-se no mapa da figura 2, sendo eles: o terminal hidroviário de Urucará, porto José Júlio da Gama, e porto dos produtores rurais. Por meio de questionários, foram entrevistados 8 proprietários de embarcações, 5 comércios, e 4 hortifrúteis.

Como já abordado, as principais conexões da rede urbana na Amazônia se estabelecem por vias fluviais. Em função disso, metodologicamente, realizamos a coleta de dados nos portos da cidade, elencando os tipos de embarcações, seus destinos, suas funcionalidades e mercadorias que transportam.

---

<sup>8</sup> De acordo com Trindade Júnior (2012) cidades ribeirinhas são aquelas que além de estarem localizadas próximas aos rios, apresentam fortes relações materiais e simbólicas com os rios, incorporando fortemente a dinâmica da natureza e a uma temporalidade cadenciada, que são traduzidas no seu modo de vida e nas suas inter-relações.

Figura 2. Localização dos portos de Urucará – AM



Fonte: Elaboração própria. Base Cartográfica: IBGE (2017)

Em nosso campo foram constatados 2 tipos de embarcações fluviais (Tabela 2) que transportam pessoas e produtos entre cidades vizinhas e comunidades ribeirinhas, sendo estas: barcos de recreio<sup>9</sup> e lanchas de alumínio<sup>10</sup>, localmente denominadas como “expresso” ou “a jato”. Além disso, ainda temos voadeiras<sup>11</sup>, rabetas<sup>12</sup>, canoas<sup>13</sup>, batelões<sup>14</sup>, estes que são de ordem familiar, ou seja, pertencem a algumas famílias que habitam em comunidades ribeirinhas e que necessitam desse módulo de transporte para se deslocar periodicamente entre comunidades e a sede municipal.

<sup>9</sup> De acordo com Von Ehnert (2011) Barcos de Recreios: barcos grandes de madeira utilizado em transporte de passageiros e cargas para toda a região.

<sup>10</sup> O mesmo autor caracteriza as lanchas a jato como: barcos metálicos com aparência de ônibus de viagem, utilizado em para viagens para o interior.

<sup>11</sup> Voadeira: canoas metálicas com motor de popa.

<sup>12</sup> Rabetas: canoas de madeira com pequeno motor de eixo simples.

<sup>13</sup> Canoas: pequenas embarcações, geralmente de madeira, e sem motor.

<sup>14</sup> Batelões: barcos médios de madeira para transporte de carga.

Tabela 2. Tipos de embarcações que atendem Urucará

Tipos de embarcação	Principais destinos
Barco de Recreio (BR)	São Sebastião / Itapiranga / Itacoatiara/Parintins/Manaus
Lanchas de alumínio	São Sebastião do Uatumã/ Itapiranga/ Parintins

Fonte: Trabalho de campo (2021)

Figura 3. Barco de Almirante Guimarães (Barco de Recreio)



Fonte: Trabalho de campo (2021)

Figura 4. Lancha de alumínio (expresso)



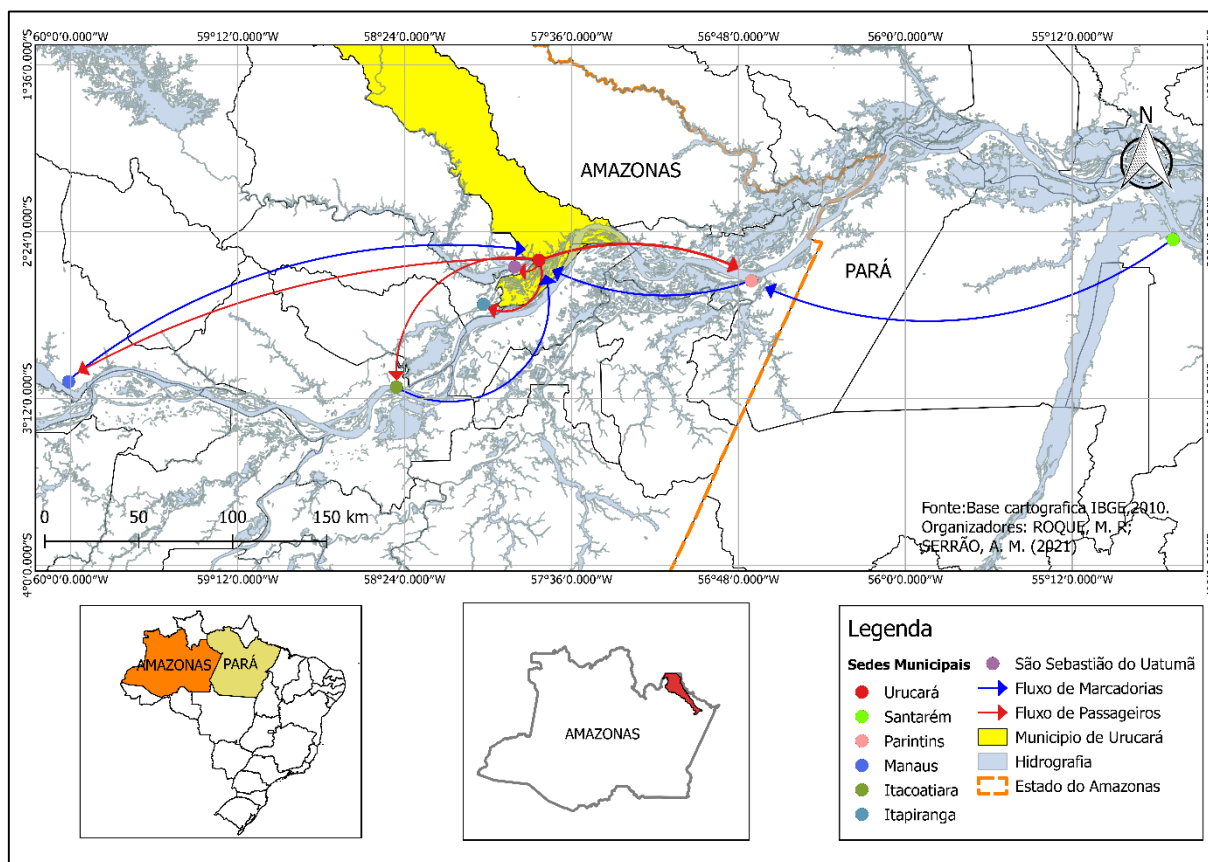
Fonte: Trabalho de campo (2021)

Vale ressaltar que a lotação máxima de passageiros que um barco de recreio local pode transportar é em média de 70 a 80 passageiros, e uma lancha de alumínio, no máximo 35. A passagem varia de transporte para transporte, e de cidade para cidade. Manaus é a cidade que mais atraem passageiros, e constantemente os barcos de recreio fazem promoções no preço da passagem, custando em média 50,00 reais. Em contrapartida, Parintins, geograficamente mais próxima, cerca de 114 km de distância, a passagem custa em média 100,00 reais.

As lanchas a jato não fazem conexão direta com Manaus, deste modo os passageiros com destino a capital, desembarcam principalmente na cidade de Itapiranga, por onde segue viagem através da rodovia AM-363, o que reduz tempo do trajeto para moradores dos Municípios de Urucará e São Sebastião do Uatumã com destino a capital do Estado. Estipulamos o valor da passagem entre 40,00 a 50,00 reais, variando de acordo com o período da cheia e vazante. As lanchas com destino a Parintins mantêm preço fixo, no presente momento o valor é de 120,00 reais.

A diferença nos preços das passagens entre barcos de recreio e lanchas de alumínio pode ser explicada através da velocidade de deslocamento, os percursos que são realizados pelos barcos levam em média 10 horas para Parintins, 10 horas para Itacoatiara e 14 horas para Manaus. Já as lanchas conseguem reduzir o tempo de viagem para 4 horas, tanto para Parintins quanto para Itacoatiara, porém, precisam ter preços mais elevados para que obtenham lucro.

Figura 5. Rede de fluxos: embarcações mercadorias



Fonte: Elaboração própria. Base Cartográfica: IBGE (2010)

Através da análise dos padrões de transportes fluviais intermunicipais existentes na cidade de Uruará, foi possível desenvolver o mapa representado pela figura 3, evidenciando os fluxos existentes entre Uruará e cidades próximas a sua região.

Além disso, percebemos um segundo padrão, relacionado às mercadorias transportadas. A capital do Estado, Manaus, fornece a maioria das mercadorias que chegam à cidade de Uruará, tais como: gêneros alimentícios, produtos industrializados, produtos de higiene básica, bebidas, frios, congelados, e materiais de construção são alguns dos principais produtos provenientes da capital. Já as cidades de Parintins e Santarém-PA, fornecem principalmente frutas e verduras.

Cabe aqui ressaltar que Santarém, cidade situada no Estado do Pará, não possui conexão direta com Uruará, mas abastece a cidade de Parintins com produtos hortifrutigranjeiros<sup>15</sup>, gêneros alimentícios e entre outros, que consequentemente Parintins fornece para Uruará, deste modo atuando como um nó na rede, interligando as redes urbanas do Estado do Amazonas e do Pará.

<sup>15</sup> Produtos provenientes de hortas, granjas e pomares.

## 5.2 Comércio e hortifrúti: fragilidade na produção local

Como abordado no tópico anterior, as embarcações que atendem a Urucará constituem-se do principal módulo de transporte que conecta a mesma na rede urbana do Baixo Amazonas, seja com cidades vizinhas ou comunidades ribeirinhas<sup>16</sup>. Ainda se tratando da pesquisa de campo, foi possível elaborar uma tabela (Tabela 3) contendo as principais mercadorias transportadas por essas embarcações.

Tabela 3. Fluxo de mercadorias entre Urucará, Manaus e Parintins.

<b>Produtos que mais chegam</b>	Estivos em geral, frios e congelados, frutas, verduras e bebidas.
<b>Produtos que mais saem</b>	Nenhum produto sai em grande quantidade

Fonte: Trabalho de campo (2021)

Como representado na tabela, as mercadorias que são produzidas na localidade e são exportados para outras cidades são praticamente inexpressíveis, pois a produção local atende somente alguns comércios e hortifrúti, como são apresentados nas Tabelas 4 e 5.

Tabela 4. Relação das mercarias que atendem os comércios Urucaraenses

<b>Principais mercadorias</b>	Gêneros alimentícios, laticínios, frutas e verduras.
<b>Fornecimento intraurbano</b>	Manaus e Santarém
<b>Fornecimento Local</b>	Fornecimento local em pouca quantidade (Ovos, cheiro verde, farinha, tapioca, banana, laranja)

Fonte: Trabalho de campo (2021)

Tabela 5. Relação das mercarias que atendem as Hortifrúti Urucaraenses

<b>Principais mercadorias</b>	Estivas em geral, Gêneros alimentícios, produtos de limpeza, produtos de higiene pessoal, cereais, frios e congelados, ovos, frutas e verduras.
<b>Fornecimento intraurbano</b>	Manaus e Santarém
<b>Fornecimento Local</b>	Fornecimento local em pouca quantidade (Farinha, poupa de fruta congelada, ovos)

Fonte: Trabalho de campo (2021)

<sup>16</sup> Chaves (2001) ratifica que os ribeirinhos são uma referência de população tradicional na Amazônia, reconhecidos pela forma de comunicação, no uso das representações dos lugares e tempos de suas vidas na relação com a natureza.

Tal como exposto nas tabelas, e no tópico anterior, a produção local acaba por ser desestimulada. Produtos advindos de cidades polo, como Manaus, Parintins e Santarém chegando à cidade com preços mais acessíveis ao comerciante, Santos e Silveira (2003) apontam que produtos mais rentáveis recebem primazia em relação a outros, causando desvalorização de certas atividades em favor de outras.

Em entrevista realizada no mês de junho de 2021, com o gerente local do IDAM, Cícero José Coelho. O mesmo afirmou que nos últimos anos a produção agrícola urucaraense vem diminuindo, atendendo basicamente o consumo local. Porém, cabe aqui destacar que a produção de guaraná continua em alta. Urucará segue como o segundo maior produtor de guaraná do Estado do Amazonas, produzindo em média anual cerca de 190,5 toneladas, empregando por volta de 310 produtores em uma área de 480 hectares, permanecendo atrás somente do município de Maués (AM).

Ressaltamos que Urucará se categorizava como um grande produtor de guaraná desde 1998, tendo como parceiros comerciais algumas indústrias de bebidas que se instalaram na Amazônia, tais como: Antarctica (atual AMBEV), Coca-Cola, entre outras. Além disso, parte da produção era exportada para Europa, em virtude da boa aceitação do guaraná em pó no mercado externo e as altas demandas no mercado interno.

Por fim, destacamos que a produção agrícola urucaraense, salvo algumas culturas, não produz excedentes o suficiente para comercialização com outras cidades. Entretanto, é uma das maiores geradoras de riquezas do município. De acordo com o IBGE (2020) culturas como a mandioca, melancia e milho, geraram respectivamente 5.760 toneladas, 676 toneladas e 50 toneladas, em valores, estimamos as rendas geradas em: Mandioca 6.017,46; Melancia 387.30; milho 31.400. De forma geral, a produção agrícola e agropecuária contribuiu com 168.138,27 reais para a economia do município, seguida da administração pública (educação e saúde públicas e seguridade social) contribuindo com 83.589,98 reais, setor de serviços (comércios, entre outros) 35.512,42. E por fim a indústria, quase inexistente, acrescentando 10.470,38, totalizando 297.711,05 reais movimentados na economia urucaraense (IBGE, 2020).

### **5.3 Centralidade local: As relações de cidade de Urucará com as comunidades ribeirinhas**

Para entender a dinâmica urbana presente na cidade de Urucará, é preciso estudar não só as relações da cidade com outras cidades, mas compreender o papel de centralidade local que a sede municipal exerce para com suas comunidades rurais /ribeirinhas.

De acordo com Lira (2015) comunidades são espaços em que se solidificam relações sociais e modos de vida específicos, bem como, gestões singulares de recursos locais, apresentando desde modo uma cultura. Neste sentido comunidades ribeirinhas constituem-se de *locus* onde ribeirinhos estabelecem as relações sociais, onde o rio lhes traduz significado, complementando suas vidas, como aponta Lira (2015) apud Cruz (1999, p. 04):

[...] Rio e ribeirão são partes de um todo. Se o rio oferece os seus alimentos, fertiliza as suas margens no subir e baixar das águas. O ribeirão lhe oferece sua proteção, através de suas representações (seus mitos) como a mãe-d'água, a cobra-grande que come os desavisados (que não respeitam a natureza) e tantas outras, que nascem desta humanização da natureza e naturalização do homem.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Uruará (2019) o município subdivide-se em 8 distritos que comportam ao todo 33 comunidades, sendo estas: 1) Distrito do Anamari, formado pelas comunidades Bonança e Amanari; 2) Distrito do Marajazinho: Marajazinho, Comunidade Boas Novas, Marajatuba I, Marajatuba II; 3) Distrito de Sororoca: Paurá, Maranhão, Sororoca; 4) Distrito do Carará-Açu: Paraíso, Sol Nascente, Buçusal, Divino, Nova Vida; 5) Distrito do Comprido: Albano, São Lázaro, Santa Rita, Santo Antônio, São Pedro, Batista, Adventista, Nazaré; 6) Distrito Boa Esperança: Boa Esperança, Pedras, Taboarizinho, Taboari Grande, Cafundó; 7) Distrito de Cucuiari: Redondo, Cucuiari, Beju-açu; 8) Distrito do Jatapu: São José do Jabote, Santa Maria, Serra da Bacaba.

Apesar de possuir um elevado número de comunidades rurais em seu entorno, as mesmas apresentam baixa produção rural, e as populações necessitam se deslocar periodicamente para a sede municipal para adquirir gêneros alimentícios, serviços bancários, escolares, de saúde, entre outros. Em concordância Marques (2021) assinala que em Uruará, os supermercados médios e lojas especializadas em determinados itens (materiais de construção, roupas e farmácias) constituem-se em um dos principais atrativos para populações interioranas e demonstram o papel de centralidade da sede municipal. Entendemos o termo *centralidade* como:

[...] a relação entre os espaços com maior densidade de meios de consumo, coletivos, individual, e o que representam esses espaços em termos de valor histórico e simbólico, bem como as possibilidades de se ter acesso a eles. Essas perspectivas levam-nos a associar o centro às localizações, e a centralidade, aos fluxos que afluem ao centro e dele afluem, assim como as representações que sobre essas áreas se constituem (SPOSITO; GOÉS, 2013).

Igualmente, a centralidade pode ser considerada de acordo com o oferecimento de funções centrais de uma dada cidade, seja para ela mesma ou para regiões de seu entorno. Seguindo desta premissa, as populações das comunidades urucaraenses são atraídas por serviços de saúde, bancário, educação e principalmente para compra de produtos alimentícios

nos finais dos meses, em virtude do recebimento dos seus salários, ou auxílios governamentais (Auxílio Brasil).

Por fim, em nossa pesquisa de campo foram observados alguns produtos que fazem parte dos novos hábitos de consumo das populações ribeirinhas, sendo estes o frango congelado, arroz, feijão, salsicha, gêneros alimentícios em geral, produtos de limpeza e higiene pessoal. Deste modo, a cidade de Urucará possui caráter funcional local, atendendo com benesses urbanas populações interioranas de sua região. Entretanto, a cidade possui centralidade baixa se comparada a cidades como Parintins ou Manaus.

#### **5.4 Agente econômico e social da economia informal urucaraense: pescadores**

Desde os primórdios da humanidade a pesca foi uma das principais atividades humanas, fornecendo-lhes alimento e movimentando sua economia. Na região amazônica em especial, onde o padrão de ocupação humana se deu próximo aos rios, lagos e igarapés, a pesca tornou-se um dos seus principais recursos naturais, tanto para subsistência quanto para comercialização (Fischer *et al.*, 1992). Lima (2012) *apud* Almeida *et al.* (2004) salienta:

A atividade pesqueira na Amazônia brasileira movimenta cerca de 400 milhões de reais com o envolvimento de aproximadamente 368 mil pescadores e uma produção estimada em 166.477 toneladas (t) de pescado (MPA, 2010).

Por via de regra, parte da economia urucaraense é movimentada pelo setor pesqueiro, de acordo com o IDAM no ano de 2012, cerca de 2.200 pessoas trabalhavam com a pesca artesanal ou de subsistência<sup>17</sup> no Município. No mesmo ano a produção do pescado chegou a 7.920 toneladas, o que movimentou cerca de 15.048.000,00 de reais, dessas duas mil e duzentas pessoas 773 pescadores recebe o auxílio defeso<sup>18</sup>. De acordo com Santos (2005) *apud* Cerdeira *et al.* (1997) e Batista *et al.* (2004):

(...) as taxas de consumo de pescado na Amazônia são as maiores do mundo, com média estimada em 369 g/ pessoa/ dia ou 135 kg/ ano, chegando a cerca de 600 g / dia ou 22 kg / pessoa/ ano em certas áreas do baixo rio Solimões e alto Amazonas, constituindo-se na principal fonte de proteínas para as populações humanas residentes.

Em nossas pesquisas de campo, contatamos por meio de entrevistas que os pescadores locais, têm na pesca sua principal atividade econômica e de subsistência. Além disso, foi possível elencar as principais espécies de peixes comercializadas e consumidas no Município

<sup>17</sup> Santos (2005) assinala que pesca de subsistência: é desenvolvida por pescadores ribeirinhos, destinada à sua alimentação e à de seus familiares. Quando bem-sucedida, parte da produção pode ser vendida a intermediários ou em feiras das vilas mais próximas. Trata-se de uma atividade difusa, praticada por milhares de pessoas e, por isso, sua produção é difícil de ser quantificada. É também muito expressiva do ponto de vista cultural, por ser uma atividade comumente praticada por gente de ambos os sexos e de todas as idades e categorias sociais.

<sup>18</sup> Seguro-desemprego do pescador artesanal durante o período de defeso, ou seja, quando fica impedido de pescar em razão da necessidade de preservação das espécies.

de Urucará, sendo elas: Jaraqui (*Semaprochilodus*), Tucunaré (*Cichla ocellaris*), Curimatã (*Prochilodus lineatus*), Surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*), Tambaqui (*Colossoma macropomum*), Pirarucu (*Arapaima gigas*), Pescada (*Cynoscion acoupa*), Aracu (*Leporinus freiderici*), Mapará (*Hypophthalmus edentatus*), Bodó (*Hypostomus plecostomus*), Sardinha (*Sardinella brasiliensis*), Pirapitinga (*Piaractus brachypomus*) e Pacu (*Piaractus mesopotamicus*).

A comercialização e consumo de tais espécies é diária, de tal forma que são e vendidos nas beiras dos rios, no mercado municipal, em esquinas e peixarias. Ressaltando que a maior parte dos pescadores e vendedores do pescado armazena o produto em caixas de isopor banhadas por gelo, somente em algumas poucas peixarias esse produto é armazenado em freezers, o que facilita a estocagem e permitindo assim a venda posterior.

Por fim, salientamos que a pesca artesanal vem sofrendo impactos nas últimas décadas, os pescadores, principalmente aqueles que residem em comunidades ribeirinhas, constantemente ficam dependentes do sistema de aviamento ainda presente, e atravessadores<sup>19</sup>, para comercializar seus produtos com a sede municipal e adquirir suprimentos alimentares, bem como financiar sua profissão. Capellesso (2013) caracteriza esse sistema como:

(...) prestação de adiantamentos financeiros aos pescadores a serem pagos com a entrega da produção. Disso decorre o compromisso de entrega do pescado a preços fixados pelo atravessador, que atua a montante e a jusante no processo de pesca, gerando um diferencial de poder a favor desse agente.

Nota-se então, uma fragilidade de políticas públicas para o beneficiamento dos pescadores artesanais, apesar de o Município contar com uma colônia de pescadores (AM-38) e uma associação de pescadores (SINDPESCA). Observamos um descaso governamental com esse setor da economia urucaraense, deixando muitos pescadores à mercê de empréstimos promovidos por atravessadores, empréstimos estes onde não são fixadas taxas de juros, porém o pescador fica compelido a retribuir, entregando-lhes o pescado a preços baixos, comprometendo parcialmente sua renda e favorecendo o atravessador.

## 5.5 Urucará-AM e seu papel na rede urbana do Baixo Amazonas

De acordo com Corrêa (2010) rede urbana é um produto social, cuja principal função se dá através de interações sociais especializadas, articulando toda a sociedade numa dada porção do espaço geográfico, garantindo a sua existência e reprodução. Em síntese, a rede

---

<sup>19</sup> Oliveira e Mayorga (2005) fortalecem a função dos atravessadores como intermediadores que atuam na cadeia produtiva de um determinado *commoditie*, promovendo o elo logístico entre produtores e comerciantes.

urbana apresenta-se como um conjunto de centros urbanos operacionalmente articulados em algum grau.

Se tratando de Amazônia, Becker (2013) aponta que mesmo nos dias atuais, as cidades apresentam poucos empreendimentos de setores de produção de larga escala, que pudessem gerar emprego, renda, mercado e serviços nas cidades. Tendo economia informal predominante, a maioria da população urbana com emprego formal constitui-se por funcionários públicos.

As pequenas cidades amazônicas, como Urucará, de acordo com Oliveira (2012) podem ser definidas por: 1) uma baixa articulação com as cidades do entorno; 2) atividades econômicas quase nulas, com o predomínio de trabalho ligado a serviços públicos; 3) pouca capacidade de oferecimento de serviços, mesmo os básicos, relacionados à saúde, educação e segurança; 4) predominância de atividades caracterizadas como rurais.

Apesar de Urucará não apresentar especialização industrial, receitas significativas e produção agrícola que em sua maioria atente somente o mercado local, ela ainda assim se apresenta como um nó importante na rede urbana do Baixo Amazonas. Seguindo essa linha de pensamento, o intenso fluxo de pessoas e mercadorias existente entre Urucará, Manaus, Parintins e demais cidades como São Sebastião do Uatumã, Itapiranga, Itacoatiara e comunidades ribeirinhas, nos mostra que Urucará exerce função na rede urbana regional. Lefebvre (2006) aponta que o fluxo de mercadorias só se estabelece por meio das redes já consolidadas e com centros funcionais.

Dado o exposto, Urucará insere-se na rede urbana do Baixo Amazonas enquanto ponto estratégico. Em primeira instância atua dando continuidade à rede urbana, conectando cidades separadas geograficamente através de fluxos de pessoas e mercadorias. Num segundo momento torna-se referencial para comunidades ribeirinhas de sua região. Uma vez que estimula o deslocamento de populações ribeirinhas para a sede municipal nos finais de meses para a compra de alimentos, serviços bancários (recebimento de bolsas) e de saúde, apontando a importância de Urucará para as comunidades do seu entorno.

Por fim, uma questão nos chama atenção, apontado por Marques (2021), e embasado em dados e estimativos fornecidos pelo IBGE a respeito da evolução demográfica das cidades amazonenses, o Município de Urucará vem experimentando uma inversão populacional, melhor exemplificada na tabela a seguir.

Tabela 6. Inversão populacional do Município de Urucará-Am.

<b>Décadas</b>	<b>População Absoluta</b>	<b>População do Campo</b>	<b>População da Cidade</b>
1980	8.761 hab.	5.303 hab.	3.458 hab.
1990	11.328 hab.	5.185 hab.	6.143 hab.
2000	18.372 hab.	10.274 hab.	8.098 hab.
2010	17.094 hab.	7.208 hab.	9.986 hab.
2019	16.256 hab.	-	-
2021	16.007 hab.	-	-

Fonte: IBGE (2022)

Esta inversão populacional nos leva a pensar que as populações urucaraenses estão migrando para cidades de seu entorno, em busca de mais opções de serviços, trabalho e entre outros. Uma vez que a cidade de Urucará não conta com indústrias, ocupações e trabalhos de carteira assinada, apresentando um alto grau de trabalho informal e ausência de universidades e cursos superiores em sua sede municipal. Deste modo, levantamos a hipótese que estas populações são atraídas pela centralidade exercida por outras cidades, como Parintins, Itacoatiara e principalmente pela capital Manaus.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urucará é definida como uma pequena cidade no interior do Amazonas. Entender as dinâmicas que ela possui junto a demais cidades e comunidades próximas, como dados importantes para o delineamento e conhecimento das suas relações que podem, ou não, a caracterizar como um nó importante na região do Baixo Amazonas.

Neste sentido, fez necessária a reunião de informações com o intuito de identificar os elementos que constituem a cidade de Urucará, tais como formação histórica, produção agrícola, fluxo e circulação de pessoas e mercadorias entre cidades vizinhas e comunidades de seu entorno, que interferem diretamente no seu papel e em suas funções.

Diante disso, consideramos que o processo de urbanização de Urucará foi pautado nas atividades agrícolas, extrativismo e atividades pesqueiras. Atualmente, a produção agropecuária e agrícola permeia como as principais atividades geradoras de ocupação e renda na cidade, o que gera um intenso fluxo de pessoas e de mercadorias existente entre Urucará e demais cidades, além de comunidades ribeirinhas, através das conexões que as vias fluviais estabelecem na região. Dessa forma, Urucará pode ser considerada como um nó importante na rede urbana do Baixo Amazonas, mesmo que não apresente especialização industrial, receitas significativas, e produção agrícola que em sua maioria atende somente o mercado local.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER. Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: ateliê Editorial, 2003.
- ALVES. Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010.
- BECKER, Bertha K. **A urbe Amazônida**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- BEZERRA, César Aquino. **Oralidade e Memória na Pan-Amazônia: a trajetória de Clinton Thomas entre os EUA e o Brasil e a Igreja de Cristo em Uruará-AM (1956-1996)**. Manaus, 2018.
- BRANDÃO. Paulo Roberto Baqueio. **Cidades médias e pequenas: reflexão sobre dinâmicas espaciais contemporâneas**. Editora Appris, 2019.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia urbana**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1980.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. Ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.
- CARDOSO. Ana Claudia Duarte. LIMA. José Ferreira. *et al.* **Morfologia urbana das cidades amazônicas: a experiência do Grupo de Pesquisa Cidades na Amazônia da Universidade do Pará**. 2020.
- CORRÊA, Roberto Lobado. **Trajetoórias Geográficas**. 4º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- FREITAS. Paulo Vitor Nascimento de. **O Circuito inferior e o meio construído nas pequenas cidades do seridó ocidental paraibano**. João Pessoa. 2013.
- IBGE – **Biomás Brasileiros**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomass-brasileiros.html>>. Acesso em fevereiro de 2022.
- IBGE – **Censo Demográfico 2010-2019**. Disponível em: <[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)>. Acesso em dezembro de 2020.
- IDAM – **Uruará aspectos físicos e geográficos 2012**. Disponível em: <[www.idam.am.gov.br](http://www.idam.am.gov.br)>. Acesso em janeiro de 2021.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006.
- LEÃO. Carla de Souza. **Reflexões sobre o desenvolvimento e as pequenas cidades: análise das cidades de Dracena e Ouro Verde-SP**. 2010.
- LEÃO. Carla de Souza. **A inserção das pequenas cidades na rede urbana: o caso das cidades da região de governo de Dracena-SP**. 2011.
- LIRA, Talita de Melo. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. 2015.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. São Paulo, 2008.

NUNES. Débora Aquino. TRINDADE JÚNIOR. Saint-Clair. **(Sobre)Vivências ribeirinhas na orla fluvial de Marabá-Pará: agentes, processos e espacialidades urbanas.** 2012.

OLANDA. Elson Rodrigues. **As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela geografia.** Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 2 agosto/2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE URUCARÁ - **Projeto que divide Urucará em distritos, define as comunidades que a formarão.** Disponível em: < <https://www.urucara.am.gov.br>>. Acesso em janeiro de 2021.

ROMA. Cláudia Marques. **Segregação sócio-espacial em cidades pequenas.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009.

SANTOS. Emmanuel Raimundo Costa. **Urbanização e rede urbana na Amazônia setentrional Amapaense/AP.** Revista Formação Online, n. 19, volume 2, p. 107 -131, jul./dez., 2012.

SANTOS, Milton. **Cidade e Região nos países subdesenvolvidos.** In: SANTOS, Milton. **As cidades nos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. **Espaço e sociedade** (ensaios). 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Manual de Geografia Urbana.** 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 3ªed. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. Por uma Geografia das Redes. In: SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002. p. 261-279.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade do lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SCHOR. Tatiana. *et al.* **Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no Estado do Amazonas, Brasil.** Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v. 9, n. 1, p. 09-35, jan./jun. 2016.

SPOSITO, Maria Encarnação B. *et al.* **O estudo das cidades médias brasileiras: Uma proposta metodológica.** In: Sposito, Maria Encarnação B. **Cidades médias: Espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67.

SPOSITO. Elizeu Savério. **Redes e cidades.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio rio Amazonas, município de Urucará-AM.** Manaus, 2018.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

SPOSITO, M. E.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TRINDADE JÚNIOR. Saint-Clair Cordeiro. ROSÁRIO. Bruno Angelim. *et al.* **Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha: mudanças e permanências a jusante do rio Tocantins**. 2011.

TRINDADE JÚNIOR. Saint-Clair Cordeiro. **Cidades e centralidades urbanas na Amazônia**: dos diferentes ordenamentos territoriais ao processo de urbanização difusa. 2015.

TENÓRIO, Basílio. **Fundamentos de Urucará**. Parintins: Gráfica João XXIII, 2016.